**Título:** Pequenos poemas em prosa (O spleen de Paris)

**Autor:** Charles Baudelaire

**Nacionalidade:** francês

**Título original:** Le Spleen de Paris: petits poèmes en prose

**Copyright:** hedra **Categoria:** Poesia

**Palavras-chave:** Poesia moderna; poesia francesa; poetas malditos

**Tradução:** Dorothée de Bruchard

**Número de páginas:** 259

**Dimensão:** 13,3x21cm

**ISBN:** 978-85-7715-755-6

**Sinopse:**

*Pequenos poemas em prosa (O spleen de Paris)*, obra póstuma, publicada em 1869 na reunião de escritos do autor feita por Théodore de Banville e Charles Asselineau, consumiu mais de dez anos até sua feição definitiva, em 1866. Muitos dos poemas já haviam aparecido em jornais e receberam de pronto a estima e a admiração da crítica e do público.

Figura, em importância, ao lado de *As flores do mal* na obra de Baudelaire e ombreia com as mais importantes páginas já escritas da literatura universal. Esta edição saiu à luz pela primeira vez em 1988 pela editora da Universidade de Santa Catarina.

**Sobre o autor:**

Charles Baudelaire (Paris, 1821─id., 1867), escritor francês, é ainda hoje reverenciado como um dos paradigmas máximos da criação poética. Dono de uma imagética pujante e original, Baudelaire foi também um influente crítico de arte e um tradutor de grande envergadura. Alma inquieta e conturbada, antípoda da de Goethe, segundo o famoso elogio de T. S. Eliot, Baudelaire via com desconfiança a era do progresso, entrevendo na modernidade uma morbidez oculta que sua sensibilidade extremada não tolerava.

Em 1857, a publicação de *As flores do mal*, sua obra-prima, ofende a moral burguesa e lhe vale um processo no qual é obrigado a pagar uma multa considerável, além de suprimir sete poemas do livro. Alguns dos sonetos ali encerrados já prefiguravam o simbolismo e o decadentismo, correntes que começavam a tomar corpo.

Em *Os paraísos artificiais* (1860), explora o potencial criador sob o efeito do ópio e do haxixe. Como tradutor, verte muitos dos contos e ensaios de Edgar Allan Poe para o francês, tendo influído assim decisivamente para o futuro reconhecimento desse autor, que exerceu influência em sua obra também. Solitário, doente e sem recursos, morre em 1867.

**Trechos da apresentação:**

Há de tudo um pouco nesse livro: ele começa com “L’étranger” (“O estrangeiro”), um brevíssimo introito dialogado, lembrando que as pessoas são estranhas quando você é um estranho; passa por pequenos poemas narrativos de momentos como uma espécie de iluminação às avessas (quero dizer, normalmente incluindo alguma crueldade); pela alegoria cinzenta de “Chacun à sa chimère” (“Cada qual com sua quimera”) e pelo conto de fadas de “Les dons des fées” (“Os dons das fadas”); e termina num epílogo em verso, o único pedaço realmente em verso do livro, e que, não por acaso, está escrito em terza rima, como a *Divina Commedia* dantesca — recuperando aquela relação infernal estabelecida por Eliot em seu binômio Dante-Baudelaire —, onde a cidade por fim recebe uma declaração de amor evocando o grande patrono Satã, as prostitutas, a cidade que é “hospital, lupanar, purgatório, inferno, prisão”.

Não é um percurso como por dentro da cidade de Paris, nem também do drama à poesia em algumas páginas, embora possa ser isso se você desejar ver assim; mas é sobretudo um percurso dentro da mente de Baudelaire, pelas cristalizações de seu pensamento. Uso a palavra cristalizações para acentuar o fato de que cada um desses poemas em prosa se abre para a comunhão natural de ideias e enfoques com qualquer outro texto de Baudelaire, seja sua crítica de arte, os diários íntimos e fragmentários das Fusées ou de “Mon cœur mis à nu” (“Meu coração a nu”, mais explícito, impossível) e mesmo em *Les fleurs du mal*.

(Dirceu Villa)

**Trechos do livro:**

**As massas**

Não é dado a qualquer um tomar banho de multidão. Desfrutar da massa é uma arte e só poderá fazer, às custas do gênero humano, uma orgia de vitalidade, aquele a quem uma fada terá insuflado no berço o gosto pelo disfarce e a máscara, o ódio do domicílio e a paixão pela viagem.

Multidão, solidão: termos iguais e permutáveis, para o poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão tampouco sabe estar só em meio a uma massa azafamada.

Goza o poeta desse incomparável privilégio de poder ser, a bel-prazer, ele próprio e outrem. Igual a essas almas errantes em busca de um corpo, ele entra, quando quer, na personagem de qualquer um. Para ele apenas, tudo está vacante; e se alguns lugares lhe parecem estar fechados, é que a seus olhos não valem a pena ser visitados.

O andarilho solitário e pensativo tira uma embriaguez singular desta universal comunhão. Quem desposa facilmente a massa conhece gozos febris, dos quais serão eternamente privados o egoísta, trancado como um cofre, e o preguiçoso, internado como um molusco. Ele adota como suas todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que a circunstância lhe apresenta.

O que os homens denominam amor é bem pequeno, restrito e frágil, se comparado a esta inefável orgia, a esta santa prostituição da alma que se dá por inteiro, poesia e caridade, ao imprevisto que se mostra, ao desconhecido que passa.

É bom ensinar, às vezes, aos venturosos deste mundo, mesmo que só para humilhar por um instante seu orgulho tolo, que existem venturas superiores às suas, mais amplas e refinadas. Os fundadores de colônias, os pastores de povos, os padres missionários exilados no fim do mundo, decerto conhecem algo destas misteriosas embriaguezes; e, no seio da vasta família que seu gênio construiu para si, eles por vezes devem rir dos que se compadecem com sua sina tão agitada e sua vida tão casta.

**Embriaguem-se**

Há que estar sempre embriagado. Tudo está nisto: é a única questão. Para não sentir o terrível fardo do Tempo que lhes dilacera os ombros e os encurva para a terra, embriagar-se sem cessar é preciso.

Mas de quê? De vinho, poesia ou virtude, a escolha é sua. Mas embriaguem-se.

E se às vezes, na escadaria de um palácio, na verde relva de um barranco, na solidão morna de seu quarto, vocês acordarem, com a embriaguez já diminuída ou sumida, perguntem ao relógio, ao vento, à vaga, à estrela, às aves, a tudo o que foge, a tudo o que geme, a tudo o que rola, a tudo o que canta, a tudo o que fala, perguntem que horas são; e o relógio, o vento, a vaga, a estrela, as aves responderão: “É hora de embriagar-se! Para não serem os escravos martirizados do Tempo, embriaguem-se! Sem cessar, embriaguem-se! De vinho, poesia ou virtude, a escolha é sua”.

**Epílogo**

De coração contente, subi até a montanha

De onde se contempla a cidade em vastidão,

Hospital, lupanares, purgatório, inferno, prisão,

Onde toda aberração floresce feito flor.

Bem sabes, ó Satã, padroeiro da minha aflição,

Que não fui até lá para verter um pranto vão;

Mas, como um velho devasso de uma velha amante,

Queria inebriar-me da enorme meretriz

Cujo encanto infernal sem cessar me remoça.

Quer durmas ainda nos lençóis da manhã,

Pesada, resfriada, obscura, quer te pavoneies

Nos véus do entardecer entecidos de ouro fino,

Eu te amo, ó capital infame! Cortesãs

E bandidos, tais os prazeres que amiúde oferecem

E não são compreendidos pelo vulgo profano